

PELOS OLHOS DE MAISIE (2012, *WHAT MAISIE KNEW*, NO ORIGINAL)

GIZELE BAKMAN

Psicóloga, mestre em
Psicologia Social (Uerj),
doutoranda em Psicologia
Social (Uerj)

Aqueles que tiveram a grata oportunidade de assistir ao filme *Pelos Olhos de Maisie*, de Scott McGehee e David Siegel, puderam encontrar uma linda história sobre laços afetivos e família, sob olhar de uma menina de 7 anos.

Apesar da atualidade do tema, o filme é uma adaptação do livro *Pelos Olhos de Maisie*, de Henry James, publicado em 1897, e tem como principal intenção mostrar as crises nos relacionamentos dos adultos pelo ponto de vista de Maisie. Em meio ao conturbado divórcio dos pais, Maisie (Onata Aprile) tenta entender o que se passa em sua vida: de um lado a mãe, Susanna (Julianne Moore), uma estrela do rock; do outro o pai, Beale (Steve Coogan), um influente galerista. Unindo (ou desunindo) os dois, Maisie, que também precisa passar a conviver com os novos parceiros e nova rotina de vida, após um divórcio litigioso.

A temática do divórcio acompanha minha vida como pessoa e como terapeuta de crianças e famílias, constatando o quão danoso pode ser um divórcio que não privilegia as necessidades dos filhos, que os envolve de forma violenta ou os submete a um silêncio mordaz, cobra lealdades, modifica rotinas, esgarça laços, incentiva desprezos e denigre a imagem de um dos genitores.

Em minha pesquisa de mestrado em Psicologia Social (Bakman, 2013), realizada na UERJ, tive a oportunidade, justamente, de ouvir as crianças sobre o tema da família: como entendem e explicam o que é ser e viver em família no cotidiano. Sem nos esquecermos em nenhum momento de que a família é “uma ficção, um artefato social, uma ilusão no sentido mais comum do termo, mas ‘uma ilusão bem fundamentada’” (Bourdieu, 1996, p.135, grifo do autor), tentamos cruzar as principais ideias trazidas pelas crianças entrevistadas que, juntas, constroem um interessante caleidoscópio acerca do tema.

O contato com as crianças nos mostrou como são capazes de pensar sobre o assunto, questionar pontos aparentemente já cristalizados e trazer à tona paradoxos e conflitos contidos num tema, aparentemente tão corriqueiro e banal. O que as crianças consideram mais importante quando pensam o tema das famílias são os laços de afeto, o que se sente por determinada(s) pessoa(s), o gostar.

Apesar da dificuldade em encontrar uma definição de família, as crianças demonstravam liberdade em fazer interessantes distinções para explicar e descrever as famílias. Essas distinções remetiam a aspectos diversos planos de sentidos que se construía na medida em que falavam e interagiam nas entrevistas, realizadas sempre em grupos. Muitas vezes para explicitar seus pontos de vista, recorriam a relatos cotidianos. Sarti (2003) sugere justamente pensar “a noção de família como uma ‘categoria nativa’, ou seja, de acordo com o sentido a ela atribuído por quem a vive, considerando-o como um ponto de vista” (p. 26).

Havia, na construção dos sentidos de família produzidos ali tensões e sobreposições entre os seguintes pontos: afeto, moradia, convivência e laços sanguíneos.

Não que pretendessem uma igualdade de critérios, mas pretendiam uma certeza sobre suas próprias escolhas — mesmo que momentâneas, procurando entrelaçar estes critérios. Interessante acrescentar que os animais foram incluídos como membros das famílias pelas crianças que vivem esta experiência, ou por aquelas que não a vivem diretamente, em seus lares, confirmando esta faceta de vinculação familiar. Os animais são um excelente exemplo de como as crianças se guiam principalmente pelo afeto como um critério de excelência.

Portanto há um jogo de combinações onde as crianças experimentam possibilidades que lhes fazem sentido, tornando os critérios de pertencimento mais abertos e mais amplas as definições de família. Desta forma, as crianças nos oferecem um olhar mais rizomático em direção às famílias. No sistema de rizomas, qualquer ponto pode ser conectado com qualquer outro, não há unidade, mas multiplicidade. Não há começo nem fim, mas um meio pelo qual cresce e transborda. “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra linha e segundo outras linhas” (Deleuze & Guattari, 1997, p.18).

Assim tanto Maisie como outras crianças pensam as famílias como algo em constante movimento, não passível de totalização, mas com definições fluidas. Seria pensar as famílias sempre como multiplicidade, variância e abertura para o novo. Maisie, no filme, também, por fim, faz suas escolhas pelo mesmo padrão: afeto, convivência, cuidado. Ela se permite soltar as amarras do já estabelecido e escolher através de sua rede aqueles com quem se sente legitimamente acolhida, cuidada e amada. O que nos mostra que ainda temos muito o que aprender e nos inspirar com crianças como ela.

REFERÊNCIAS

- Bakman, G. (2013).** *Entre o roteiro e a viagem: família e crianças pelo caminho.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ.
- Bourdieu, P. (1996).** *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Campinas, SP: Papirus.
- Deleuze, G., Guattari, F. (1997).** *Mil platôs.* Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.
- Sarti, C. A. (2003).** Família enredadas. In: A.R. Acosta, & M.A.F. Vitale (orgs). *Família: redes, laços e políticas públicas.* São Paulo: IEE/PUC.